

A VILLA ROMANA DE PASSOS

Tarouquela — Cinfães

por **Carlos A. Brochado de Almeida**

Tarouquela é uma das mais conhecidas freguesias do concelho de Cinfães. Para isso tem contribuído a sua igreja românica¹, belíssima reminiscência de um mosteiro dedicado a S.^{ta} Maria Maior, fundado no século XII por freiras beneditinas vindas do outro lado do Douro, mais concretamente do mosteiro de Tuíás (Marco de Canaveses)².

Deste mosteiro que foi extinto no ano de 1535 e as suas freiras transferidas para o nóvel mosteiro de S. Bento da Avé Maria do Porto³ nada resta, senão uma restaurada igreja, um razoável acerbo documental espalhado pela Biblioteca Nacional, Arquivos da Torre do Tombo e Distrital do Porto⁴ e a recordação de um antigo couto que, segundo Joaquim de Azevedo⁵, teria sido demarcado pelo Rei D. Sancho I em

¹ VITORINO, P., *A igreja românica de Tarouquela*, Ilustração Moderna, n.º III, 1932, 306-396 e 464.

² MATOSO, J., *Le Monachisme Ibérique et Cluny*, Louvain, 1968, 133.

³ ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, Vol. 2, Porto, 1968, 132.

⁴ MATOSO, J., *Os cartórios dos mosteiros beneditinos na diocese do Porto*, Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa, Lisboa, 1982, 584-585; Idem, *Documentos Beneditinos da Torre do Tombo*, Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa, Lisboa, 1982, 700 e 703-704.

⁵ AZEVEDO, J. de, *História Eclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego*, Porto, 1938, 181.

1186. São aliás os padrões deste antigo couto que, na parte oriental, estabelecem a fronteira com as freguesias de Moimenta e Santiago de Piães⁶. A Poente, Tarouquela confina com Souselo e Espadanedo enquanto a Norte com as águas do rio Douro.

Todas estas freguesias — S.^{ta} Maria Maior de Tarouquela, Santiago de Piães, S. Cristovão de Espadanedo e S.^{to} André de Souselo — constituíram até 1884 o concelho de Sanfins da Beira altura em que, por extinção deste, foram incorporadas no de Cinfães⁷.

Debruçada sobre o rio Douro, é uma terra de contrastes. (Fig. 1)

As suas casas de habitação e os campos de cultivo que acompanham o ondulado da topografia e bordejam as linhas de água, são bem o reflexo do trabalho insano que gerações desenvolveram nesta parcela da terra que, administrativamente Beirã, possui as características geomorfológicas e culturais que são apanágio do Entre-Douro-e-Minho.

À imagem da outra banda, é terra de ásperos granitos, de vinho verde, de batata, de pastagens e milho, cultivados em campos socalcados que em vertentes espartilhadas ou patamares suavizados descem até à beira do Douro.

É neste espaço de alvéolos, de encostas e rechãs onde os testemunhos de uma humanização intensa e antiga surgem a cada curva do caminho, que se encontra o lugar de Passos⁸, a Nordeste da freguesia, nas imediações da entrada nacional n.º 222 e quase no limite de Tarouquela com Espadanedo.

A orografia do sítio aponta para um pequeno outeiro, de coroa arredondada, vertentes suaves, arejado, boa exposição solar, encaixado entre duas linhas de água. A Poente, a separá-lo do lugar da Torre e do esporão granítico dos *Castros*, corre o mais importante curso de água que atravessa a freguesia e que muda de nome consoante os sítios por onde passa. Chama-se ribeiro do Mosteiro quando banha as terras do antigo convento, mas mais além, ao passar na Torre e no sopé do Esporão, sítio onde se encontra o castro, dá pelo nome de ribeiro da Torre ou do Esporão. Em sentido oposto está o pequeno regato que, nascendo da base ocidental do outeiro de Passos, acaba de desaguar no ribeiro da Torre por alturas de Morã, após ter serpenteado por entre os vinhedos e os milheirais de Chãos, Lameira, Regada e Lavandeira.

O lugar de Passos é hoje uma zona humanizada, com uma boa parte

⁶ BRAVO, M. C. P., *Monografia do extinto concelho de Sanfins da Beira*, Porto, 1938, 181.

⁷ BRAVO, M. C. P., op. cit.; B. D. R. S. Guimarães, *Monografia de Sanfins*, Porto, 1954.

⁸ A grafia correcta será Paços já que deriva do étimo latino «palativm».

da coroa ocupada por casas de habitação e pequenos quintais construídos há pouco mais de uma vintena de anos. Anteriormente era uma área florestada onde crescia o mato e os pinheiros alternavam com os carvalhos, os espinheiros e os loureiros. Por sua vez, a presença de tégula e outros indícios prenunciavam uma ocupação que remontava, pelo menos, à época romana.

Tal situação não é de difícil previsão. Bastará atentar na trilogia toponímica composta por Crastos, Passos e Torre, locais situados bem próximos uns dos outros, para se inferir que esta zona albergou um dos polos mais antigos da freguesia de Tarouquela. Mas se dúvidas houvesse relativamente à sequência ocupacional que vai da Idade do Ferro (Crastos) até à Idade Média (Torre), bastaria investigar, arqueologicamente, o outeiro de Passos, para se comprovar ter havido ali um habitat, com uma diacronia que pode ir da romanização até estádios indeterminados da Alta Idade Média, afinal o responsável pela transformação dos ecossistemas vigentes em campos de cultivo e terrenos de pastagens. E se dúvidas subsistissem, estas teriam desaparecido com a abertura dos alicerces de várias casas de habitação que há decénios que têm vindo a ser erguidas. Foi aliás no decorrer destes trabalhos e no decurso do arroteamento dos vários quintais que revolveram e modificaram a fisionomia do outeiro, que se confirmou a existência de uma importante ocupação da época romana.

Tais restos podem-se definir como estruturas pétreas, pedras aparelhadas soltas, cerâmica, metais, fustes, capitéis e bases de colunas, aras, mós manuais e pias.

Quando o senhor António Pinto Gaudêncio⁹ cavou os alicerces para a sua casa, apareceram alguns muros e materiais diversos. Os muros, desmantelados ou novamente enterrados consoante o exigiam as novas construções, sabemos que eram feitos de pedra bem talhada e boa cantaria. Algumas delas foram posteriormente incorporadas numa parede da propriedade que confina com a rua. Pela dimensão e talhe provêm de um edifício com um certo aparato arquitectónico. Desta mesma casa deve provir também a pedra almofada como outras somente aparelhadas que se encontram numa das paredes do quintal do sr. Manuel Maria Nunes.

Outras estruturas apareceram em 1984 quando esta parede do outeiro foi arroteada pelo sr. António Soares. Segundo informações recolhidas, a 2 m de profundidade apareceu um pavimento lajeado com

⁹ Agradecemos estas e outras informações aos moradores do referido lugar e em especial ao Dr. Manuel Augusto P. Mourisca natural da freguesia de Tarouquela.

pedras graníticas rectangulares e duas outras lages que mediam 1,20 m de comprimento por 0,60 m de largura e uma espessura de 0,15 m. Como tinham duas depressões, uma de cada lado, foram classificadas como possíveis soleiras de porta, funcionando as cavidades como cama de assentamento das respectivas ombreiras.

No mesmo local apareceu também bastante carvão e bocados cerâmicos, alguns com sinais de fuligem mais que evidentes. No conjunto cerâmico o destaque vai para um pequeno copo com o fundo cortado à corda e para os dólios, um dos quais teria aparecido inteiro ou quase, mas que infelizmente foi partido no decurso dos trabalhos. Pela parte que ainda se conserva, tratava-se de um vaso com fundo exteriormente reforçado e pasta castanho-acinzentada onde a areia e a mica serviam de desengordurante. Outros fragmentos, com as características normalmente atribuídas às produções comuns de época romana, tal como bastante tégula e ímbrex, apareceram no decorrer da construção das demais habitações e durante o arranjo dos quintais adjacentes. Facto significativo é haver entre eles, alguns fragmentos que se podem incluir no grupo das cerâmicas produzidas no final do mundo castrejo.

Três objectos de ferro encontrados quando o Sr. António Soares cavou o seu quintal levaram descaminho a pontos de não se saber qual o seu actual paradeiro¹⁰. Pela descrição, pensamos que são ferramentas semelhantes às actuais picaretas. A dúvida estará em atribuir uma cronologia que seja consentânea com a ocupação romana do sítio.

Importante e significativo é o conjunto de fustes, bases e capitéis aqui encontrados. São nada menos que oito fustes e sete capitéis e ou bases que observamos nas residências dos senhores António Pinto Gaudêncio, Manuel Soares, António Soares, Carlos Soares da Mota, Manuel Maria Nunes, Antero Rolo e Manuel Monteiro.

Os fustes são em granito da região e têm tamanhos e diâmetros diversos (Fig. 2.7, 8 e 9). Alguns apresentam ranhuras laterais que facilitavam o encaixe das diversas secções, quando a coluna era feita por partes. Estas parecem assentar em bases paralelepédicas em tudo semelhantes às duas que apareceram no quintal do sr. António Pinto Gaudêncio. Têm 0,47 X 0,40 X 0,40 m e a parte superior bem trabalhada. A restante, por ficar enterrada, era grosseiramente desbastada.

¹⁰ Por informações recolhidas e consideradas fidedignas, este e outro espólio foi entregue ao Rev. P.^o António Alfredo Pimenta antigo pároco de Tarouquela que, por sua vez, o terá oferecido a um médico de Castelo de Paiva, cujo nome e morada desconhecemos.

Os capitéis e as bases são do tipo toscano-provincial e em geral apresentam a emposta com os ângulos partidos. (Fig. 2.1, 2, 3, 5 e 6 e Est. II, 2).

Importantes, sem dúvida, são as duas aras e em especial, a dedicada a Júpiter (Fig. 3). Encontra-se em casa do sr. Mário Pereira Carvalho, mas infelizmente não está completa.

Trata-se de um pequena ara, em granito da região, com altura máxima de 0,19 m das quais somente 0,09 m pertencem ao campo epigráfico. Neste, somente estão gravadas as letras «I. OP» (Est. I, 1) (IOVI OPTIMVS), o que equivale a dizer que a ara era dedicada a Júpiter. Se tinha dedicante é coisa que nunca saberemos devido à destruição da parte inferior. A mutilação atingiu igualmente a parte superior da ara ao destruir uma das volutas, mas não o «foculus», circular, que tem as seguintes medidas: 0,025m de diâmetro e 0,02m de profundidade (Fig. 4).

A segunda ara está em casa do Sr. Manuel Rolo e à excepção de uma pequena parte do soco, encontra-se em bom estado de conservação. Feita a partir de um bloco granítico, tipo dente de cavalo de cor clara, certamente nunca teve inscrição num campo epigráfico, rebaixado, bem delimitado e separado da parte superior por um toro. As volutas estão um pouco erosionadas e ladeiam um pequeno «foculus» com 0,04m de diâmetro 0,02m de profundidade. O soco é ligeiramente saliente e tal como a parte superior e encontra-se com a superfície desgastada (Fig. 2.4 e Est. I, 2).

Numerosas são os mós manuais (Est. II, 1). São doze as inventariadas e apareceram um pouco por toda a área desbravada e arroteada. Um foram aproveitadas para elementos decorativos, outras jazem em muros que dividem as propriedades. Mas nem todas têm as características das mós castrejas e de época romana. As de maior diâmetro são mais recentes, isto é, medievais ou mesmo posteriores.

Dignas de menção são igualmente duas pias e duas hastes graníticas que podem ser interpretadas como prisões de gado. Se a pia guardada em casa do Sr. António Pinho Soares¹¹ pode levantar dúvidas no que toca à sua romanidade, já o mesmo não se poderá dizer daquela que foi cavada num fuste de coluna. É que se a pia é mais recente, o fuste é em tudo semelhante aos atrás descritos.

Dos terrenos do Sr. Carlos Soares da Mota saiu aquilo que ele, no momento do achado, apelidou de estatueta, por ter, nos seus 0,50m de

¹¹ É nesta habitação que está guardada uma das possíveis prisões de gado. A outra encontra-se em casa do Sr. Manuel Soares e a pia cavada no fuste está na posse do Sr. Manuel Maria Nunes.

altura, um «cavalinho» gravado. Oferecida ao Rev. P.^o Pimenta levou descaminho. Restou a impossibilidade de uma análise mais minuciosa.

A finalizar este rol de achados torna-se necessário mencionar a possibilidade de ainda existirem dois fornos ou o que deles resta debaixo do pavimento do caminho em frente à casa do sr. António Pinto Gaudêncio. Tais vestígios apareceram na altura do abaixamento do caminho e foram interpretados pelos presentes como possíveis lastros de fornos.

Se seguíssemos o critério da Ordnance Survey¹² as «villas» com mosaicos do Norte de Portugal rondariam a meia dúzia, quando muito sete, já que as escavações que temos empreendido no Forte de Lobelhe, concelho de Vila Nova de Cerveira, revelaram a existência de bocados de mosaico, dois dos quais policromados.

Se adoptássemos tal critério naturalmente que não poderíamos apelar à ocupação romana de Passos de «villa» pois tanto quanto sabemos, na diversidade de objectos recolhidos, não há qualquer bocado de mosaico ou notícia do seu aparecimento. Quando muito poderíamos incluí-la no grupo dos «aediculae» (quinta ou casal) ou mesmo dos «fana» já que, para além das aras, há fustes, capitéis e bases que poderiam provir de um pequeno templo ligado a comunidades agrárias espalhadas pela encosta meridional do Douro.

Se a «villa» é o centro de um latifúndio, provido de importante e bem cuidado «fundus»¹³, então os vestígios de Passos pertencerão a um tipo de estrutura que não é certamente a «villa» tal e qual a entendia Varrão. Mas se ela é o centro de uma exploração agrária de domínio descontínuo adaptado, no caso vertente, às condições geomorfológicas de um Entre-Douro-e-Minho¹⁴, poderemos dizer que houve durante a romanização, na parte oriental da freguesia de Tarouquela, uma «villa» ou quinta responsável pela actividade agrária aí operada, tanto mais que possui um certo número de elementos que se ajustam aos critérios preconizados por Gorges, Prevosti e mesmo Branigan¹⁵.

¹² *Map of Roman Britain published by the Ordnance Survey*, Chessington, 1956, 10-11. Este mesmo critério seguiu ALARCÃO, J. in *Os problemas da origem e da sobrevivência das villas romanas do Norte do País*, ASANP, III, 1980, 171-179.

¹³ VARRÃO, *Res Rustica*, III, 3,7.

¹⁴ ALARCÃO, J., p. cit., 176.

¹⁵ GORGES, J. G., *Les Villas Hispano-Romaines*, Paris, 1979, 11-17; Prevosti, M., *Cronologia I poblament a l'área rural de Baetulo*, Badalona, 1981, 21-16; Branigan, K., *The roman villa in South-West England*, Wiltshire, 1976.

Tais critérios são, em linhas gerais, os mesmos que Manuela Martins adoptou para o vale médio do Cávado¹⁶ e os que nós próprios utilizamos para o vale inferior do Lima. Foi a partir da localização geográfica e da presença de fustes, bases e capitéis de tipo toscano-provincial, aras e cerâmicas importadas, que consideramos como pertencendo a «villas» os vestígios encontrados em S.^{ta} Eulália de Refojos do Lima, Paços de Beiral do Lima, Calheiros e Correlhã (Ponte de Lima)¹⁷, sem esquecer o Forte de Lobelhe e os Paços de Vila Cova (Barcelos) e Facha (Ponte de Lima), estes com comprovação arqueológica estratigraficamente documentada¹⁸.

Se os vestígios arqueológicos são importantes, porque são a prova material de uma situação por vezes intuída, não o são menos a área de implantação e em certa medida, certos topónimos. Em relação a este parece não haver dúvidas que tanto «Paço», «Passos» (grafia adulterada) como «Paçô», derivam etimologicamente do vocábulo latino «palativm» ou «palatiolvm» que originalmente designaria a habitação que o «domínvs» possuía no interior de um domínio.

É natural que este tipo de exploração tenha evoluído com a progressiva procura de novas terras, sendo por isso mesmo, perfeitamente natural que a sua maior difusão ocorra no Baixo Império, período em que a procura de novas terras conduziu ao aproveitamento dos aluviões mais baixos e arborizados situados nas imediações dos cursos de água ou situados em áreas de periódico e natural encharcamento. Mas se muitas das «villas» ou quintas surgem por essa altura, convirá não esquecer que no Entre-Douro-e-Minho e em especial na orla litoral, há garantidamente outras nascidas no decurso do século I dC.¹⁹, sendo por isso mesmo natural e exequível que sítios onde se documentam vestígios atribuídos à romanização e apodados de Paço, Paçô, Pacinho, etc. possam ter uma cronologia que situe o seu nascimento algures pelo Alto

¹⁶ MARTINS, M., O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado (tese de doutoramento), policopiada, Vol. III, Braga, 1987, 947.

¹⁷ ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, *Proto-história e romanização da bacia inferior do Lima*. (ER, n.º especial 7/8), 1990.

¹⁸ ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, *Intervenções arqueológicas no distrito de Viana do Castelo*. (ER, n.º 2), 1985, 124-127; Idem, *A «villa» romana do Paço de Vila Cova — Barcelos*, Barcelos, 1988.

¹⁹ A título exemplificativo referiremos a «villa» do «Alto de Martim Vaz» na Póvoa de Varzim e na zona do Alto Douro de Tralhariz. Cfr. Fortes, J., *Restos de uma villa Lusitano-Romana*, Porto, 1905; Almeida, C.A.F. *A Póvoa de Varzim e o seu aro na antiguidade*, BCPV, XI, n.º 1, 1972; Vasconcelos, J. L., *Estação romana da Ribeira (Tralhariz)*, AP, V, 1899-1900; Gorges, J.-G., op. cit., 31.

Império. Aliás recentes investigações de campo por nós realizadas, dão a certeza que uma grande percentagem dos «Passos» ou «Paços» do Entre-Douro-e-Minho ocupações que remontam, em alguns dos casos, ao século I dC. A dificuldade estará em atribuir-lhes, sem escavações e somente a partir de elementos de superfície, uma diacronia ocupacional. Mas em sítios onde temos efectuado intervenções, a prova tem sido mais que concludente. No Paço de Vila Cova (Barcelos) e na área do Paço da freguesia da Facha (Ponte de Lima a ocupação inicia-se no castrejo final e no caso específico de Vila Cova as primeiras estruturas conotadas com um «palatium» surgem no virar do séc. I para o séc. II. Idêntica situação parece ser a de «Passos» só que aqui desconhecemos se os elementos arquitectónicos encontrados provêm de uma «villa» alto imperial ou se pelo contrário, são resquícios da casa senhorial dos finais do império. E se forem representativos de ambos? Tal não nos espantaria já que remodelações ou novas estruturas que aproveitem, por vezes, outras anteriores, estão por demais documentadas em Vila Cova, Forte de Lobelhe e Facha.

É indubitável que a sistematização agrícola das encostas e das terras mais altas dos vales subjacentes ao outeiro de Passos remonta aos primórdios da Romanização. A presença de fragmentos castrejos poderá ser o sinal que a primeira ocupação do sítio se fez com agricultores indígenas provenientes, ao que tudo indica, do habitat castrejo que existiu no esporão situado a Nascente do ribeiro da Torre. Se assim aconteceu o facto começa a ser trivial, já que produz situações análogas às documentadas nas «villas» atrás mencionadas. As ocupações de Vila Cova e a Facha evoluíram a partir de ocupações castrejas isoladas. A «villa» do Forte de Lobelhe é caso mais complicado já que a sua implantação se fez no interior de um castro de tipo «agrícola» e as novas estruturas nasceram e cresceram à custa do desmantelamento de algumas das suas casas circulares. Aliás, de acordo com estes e outros elementos de que dispomos e que grosso modo, correspondem aos que Manuel Martins estudou²⁰, a preferência por terras localizadas a meio do vale, por vertentes arejadas, soalheiras e de suave pendor, por terrenos com bons índices agrícolas, enxutos e fáceis de irrigar a partir de cotas mais elevadas, é uma situação bem típica do Entre-Douro-e-Minho do início da Romanização. Só mais tarde, no Baixo Império e naturalmente na Alta Idade Média, como corolário do incremento agrário, é que se assistirá ao início do desbravamento das terras aluviais, não raras vezes palustres e periodicamente assoladas por inundações e outros cataclismos.

²⁰ MARTINS, M. , op. cit., 959-960.

Se tal situação foi regra que se generalizou, o arroteamento dos terrenos adjacentes ao outeiro de Passos, processou-se ao longo do Alto Império enquanto o avanço para as terras do vale situado entre os dois cursos de água só teria acontecido alguns séculos mais tarde, quando a pressão demográfica e a insuficiência de terras aráveis obrigou as populações a lançarem mão de alternativas até aí inviáveis, por desnecessárias. Prova do que acabamos de afirmar será a ocupação da Lameira, situada bem perto do ribeiro que desagua no da Torre e que na época reflectiria a situação real de uma zona pouco enxuta, ideal para pastos e linhares, mas muito pouco propícia ao trigo e mesmo ao milho que, como é sabido, gosta de água mas não de uma forma contínua.

É indubitável que a abordagem deste tipo de problemas conduzirá quase que obrigatoriamente para a extensão do «fundus».

Gorges é de opinião que para as zonas de predomínio do minifúndio, como é o caso do Noroeste Peninsular, a área do «fundus» variava entre os 2,5 os hectares²¹. Ora se uma tal dimensão, numa região orograficamente espartilhada como é o Entre-Douro-e-Minho, se pode considerar considerável, ela é irrisória em confronto com os grandes latifúndios do Sul da Península que poderiam atingir os 8 mil hectares como é o caso da «villa» da Coutada do Poço em Arronches, distrito de Portalegre²².

Se a paisagem agrária do Entre-Douro-e-Minho, romano se pautava pela descontinuidade e parcelamento, então não estaremos muito distantes da actual realidade e muito menos da sábia trilogia medieva — *ager*, *souto*, *monte* — bem caracterizada por Carlos A. Ferreira de Almeida²³. Ora, no caso específico de Passos, com um «fundus» necessariamente descontínuo, haveria áreas de cultivo, de pastagens, de soutos, de floresta, próximos ou mais distantes consoante as necessidades e os valores patrimoniais do proprietário da «villa». No caso vertente, uma parte do «fundus» englobaria certamente as vertentes do outeiro mais propícias a campos cerealíferos, os quais se estenderiam, de uma forma mais ou menos contínua, até às margens dos ribeiros os mesmos que, noutra perspectiva, eventualmente poderiam funcionar como linha de demarcação. Junto aos cursos de água situar-se-iam as pastagens e os linhares como o sugere a topografia e a composição do solo bem expressa no topónimo «Lameira». A componente florestal, com matos, lenhas e

²¹ GORGES, J.-G., *op. cit.*, 98.

²² *Idem*, 98.

²³ ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de, *Arquitectura Românica de Entre Douro e Minho*, (tese de doutoramento, policopiado), I, Porto, 1978; *Idem*, *Território paroquial no Entre Douro e Minho. Sua sacralização*, NR, I, 1981, 202 e ss.

soutos situar-se-iam com maior dose de propabilidade, a Sul e Sudoeste da «villa», na parte mais acidentada da actual freguesia, onde ainda perduram topónimos como «Soutelo».

Mas os vestígios da romanização em Tarouquela não se restringem à «villa» de Passos.

Tégula e ímbrex aparecem no pequeno outeiro de Lameiras situado a Sudoeste da freguesia e não muito distante da Pedra Alta²⁴. Da mesma altura poderá ser uma sepultura com cerca de 2m de comprimento, caixa e tampa à base de pedras de pequeno formato, aparecida nas imediações da Lameira. Pena o seu desmantelamento invalidar uma análise crono-cultural mais aprofundada e consequentemente um conhecimento mais alicerçado dos vestígios que se espalham por aquela parte da freguesia.

De Todovelos, onde a tradição diz ter existido uma pequena capela dedicada a S. Pedro²⁵, são algumas tégulas, uma pedra almofadada metida numa parede de sustentação de um socalco, duas mós manuais fracturadas, duas pias que segundo o proprietário estavam enterradas e uma coluna adossada abandonada na parte superior de um muro. Como o sítio, uma encosta de suave pendor, à imagem de Lameiras, possui solos de relativa qualidade, é natural de tais vestígios provenham de um casal, não necessariamente dependente da «villa» de Passos.

O quadro completa-se com a inscrição que existiu no lugar de Vimeiro, bem junto às águas do Douro. Gravada num penedo que foi cortado e levado para o Museu Nacional de Arqueologia e posteriormente publicada por Leite de Vasconcelos é, apesar de incompleta, um importante documento epigráfico já que documenta o teónimo MIROBIEVS, um deus ligado ao culto das águas²⁶.

Posteriores à romanização são os túmulos monolíticos colocados nas traseiras da igreja românica, os existentes nos lugares do Outeiro e Regadas²⁷ e a base de uma coluna medieval encontrada no lugar de Urbão.

²⁴ Tratar-se-á de um menhir ou de um mero afloramento rochoso? Como não fomos ao local não sabemos a que atribuir tal topónimo. Resquício megalítico é o topónimo «Antela» localizado nas imediações do Douro. Mais indefinidas, quanto à cronologia, são as fossetes presentes num penedo do «Outeiro dos Cornipos».

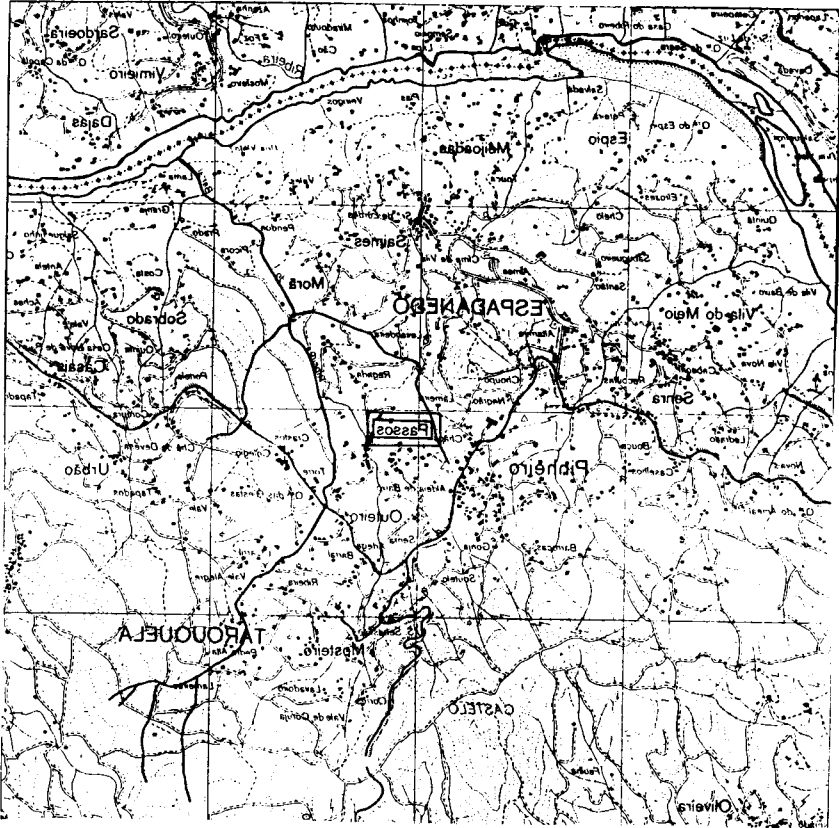
²⁵ A lenda diz ter sido a igreja mudada numa noite do sítio de «Todovelos» para o local onde hoje se encontra.

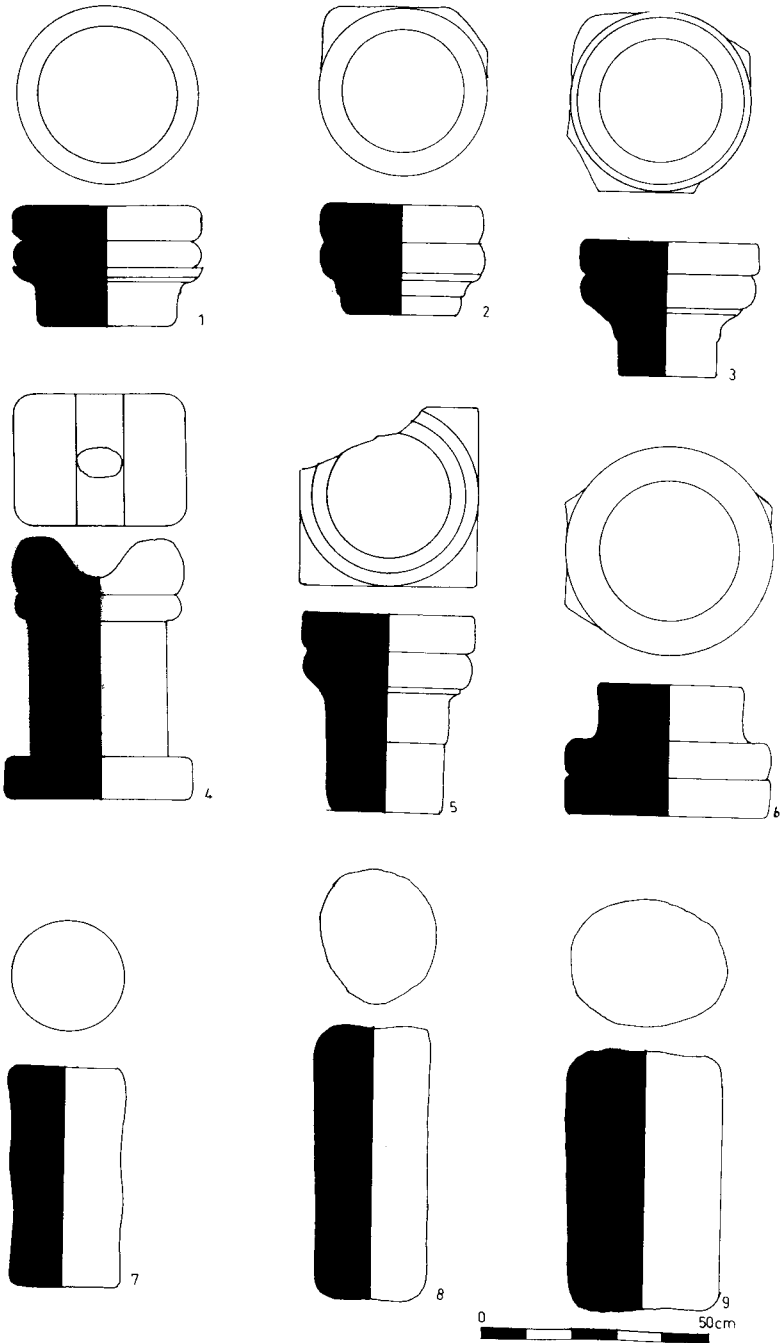
²⁶ VASCONCELOS, J. L., *Religiões da Lusitânia*, II, Lisboa, 1905, 234-236.

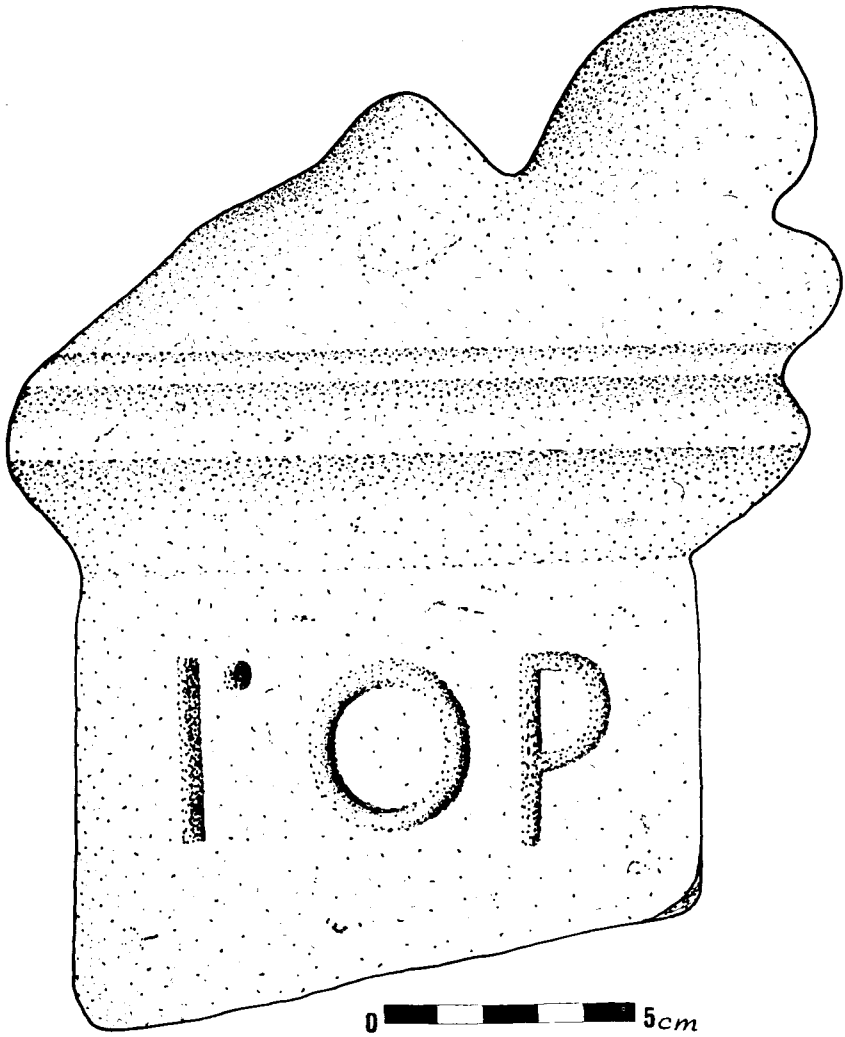
²⁷ Túmulos análogos há-os ainda junto ao castro de S. Paio (S. Cristóvão de Nogueira), perto do cemitério de Ferreiros e no lugar de Escamarão (Souselo) junto à igreja românica.

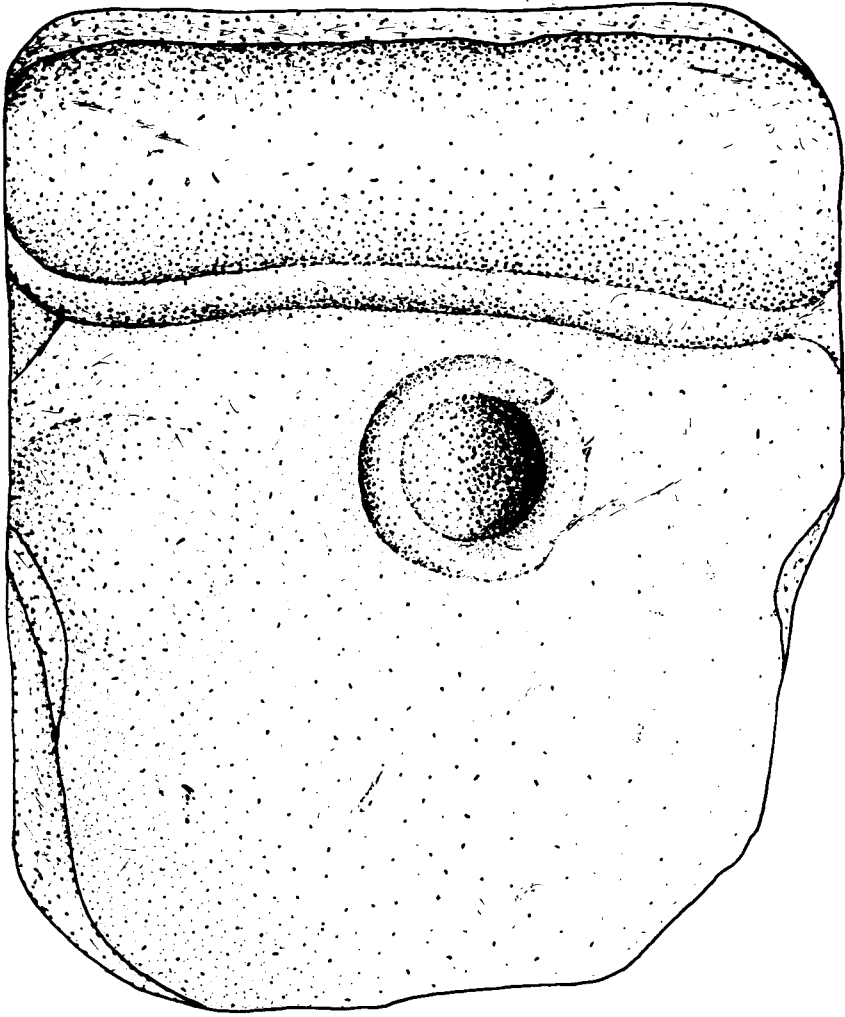
Abreviaturas

- AP — Arqueólogo Português, Lisboa
ASANP — Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular,
Guimarães.
BCPV — Boletim Cultural da Póvoa de Varzim, Póvoa de Varzim.
ER — Estudos Regionais, Viana do Castelo.
NR — Nova Renascença, Porto.









0  5cm



